

COLATINA

AFRÂNIO SERAPIÃO DE SOUZA E RAQUEL LOPES



ANTES



DEPOIS

Em um espaço de 60 dias, o nível do Rio Doce aumentou em Colatina. Mas junto com a cheia, veio um verdadeiro mar de lama, que permanece até hoje no local

# Dois meses depois, moradores ainda sofrem os efeitos da lama

**Pescadores e artesãos continuam sem suas atividades. Água mineral ainda é distribuída**

RAQUEL LOPES  
rflopes@redgazeta.com.br

Dois meses pode ser tempo suficiente para modificar algo na vida de muita gente. Mas quando o assunto é a lama proveniente do rompimento da barragem da Samarco, uma coisa é certa: nesse tempo, a paisagem e a vida dos moradores ainda não voltaram à normalidade, pelo menos em Colatina, no Noroeste do Estado, que fica às margens do Rio Doce.

Há dois meses, no dia 18 de novembro, a onda de lama chegava na cidade, dois dias depois de chegar ao Espírito Santo. Desde então, várias coisas aconteceram: paralisação por duas vezes da captação de água, algumas obras realizadas para novos tipos de captação, mudanças nos pontos de distribuição de água, e filas gigantes para conseguir buscá-la.

E quando o assunto é mudança, o artesão João Mendes, de 45 anos, sabe bem das dificuldades. Por não poder atravessar o Rio Doce para chegar até as ilhas de areia para colher Ubá, precisou criar um bar para conseguir se sustentar.

“A confecção de peneiras de café com a planta era o meu sustento, mas como agora estou sem



Edicleia Passos não sabe quando poderá pescar novamente. Já o artesão João Mendes, que fazia peneiras resolveu abrir um bar

renda e dependo do rio, tive que usar um ponto que tenho e criar um bar para conseguir ganhar dinheiro”, comenta.

No bairro 15 de outubro, cerca de 50 pessoas também dependem do artesanato, sendo que ainda não receberam auxílio da Samarco. Eles retiravam cerca de 5 mil plantas por semana.

João não é o único que precisou mudar sua rotina por causa da lama. A proprietária do Restaurante da Dona Irene, Irene Quinupe Dias, mudou a rotina do estabelecimento, colocando no orçamento cerca de 10 galões de 20 litros de água por dia para cozinhar. Além do aumento nas despesas, a dificuldade de manusear os galões e a desconfiança dos clientes fazem parte do dia a dia.

“Tem pessoas que vêm

“

Fazer peneiras com o ubá retirado do Rio Doce era o meu sustento. Sem ele agora tive que abrir um bar

JOÃO MENDES  
Artesão

ao restaurante e questionam se eu uso água mineral para cozinhar”, comenta a comerciante, que enfrenta a fila de água apenas para consumo próprio.

E a fila afeta toda a po-

pulação, que precisa todos os dias, a partir das 17h, parar tudo o que está fazendo se quiser garantir a água do dia.

“Preciso todos os dias pegar a minha água e a da minha mãe que teve AVC. Nesse horário era para eu estar na casa dela”, afirma a empregada doméstica Josiane da Silva, que não tem coragem de usar a água do rio.

## PESCADORES

Com o olhar triste ao observar o rio, dona Edicleia Passos, de 70 anos, conta que sustentou os três filhos com a ajuda do dinheiro da pesca.

Hoje ela não pode pescar no Rio Doce devido à época de defeso – período de paralisação da pesca para preservação das espécies, que se estende de novembro a fevereiro –, e recebe o auxílio da Samar-

co, mas a preocupação é com o futuro.

“Eu não sei qual será o futuro da pesca. Nada mudou, o rio e a areia estão sujos. Somente a nossa vida mudou”, completa.

O filho Domingos Ponche compartilha do mesmo sentimento. “O rio é a minha área de lazer e fonte de renda. Eu quero voltar a pescar. A empresa está cumprindo o combinado, mas eu quero é a minha atividade de volta”, afirma.

De acordo com o presidente da Associação de Pescadores Amadores de Colatina (APESC), Edson Negrelli, é preciso analisar a situação.

“Os peixes não morreram, mas é preciso saber se eles estão contaminados, se é possível os pescadores entrarem na água. Foi muito impactante a chegada da lama”, finaliza.

FOTOS: RAQUEL LOPES

## OUTRO LADO

### Abastecimento regularizado

/// A Samarco afirma que o abastecimento está regularizado. Sobre a qualidade da água, resultados de diferentes órgãos técnicos atestam a potabilidade da água tanto para uso doméstico quanto para consumo. Em relação ao subsídio dos pescadores, os cartões começaram a ser entregues. A conclusão do cadastramento está prevista para fevereiro de 2016. Este cartão é somente a primeira etapa do Plano de Atenção Social, sendo que outros desdobramentos serão alvo de reuniões com os pescadores e ribeirinhos.